

# O caráter multidisciplinar da arte de Celina Portella: um estudo sobre as inter-relações entre linguagens na obra **Movimientos Detenidos**

*The multidisciplinary character of Celina Portella's art: a study on the interrelationships between languages in Movimientos Detenidos*

**ANGELA REGINA ANDRADE BITTENCOURT SILVA<sup>1</sup>**

## **RESUMO**

Este artigo analisa o percurso da artista visual Celina Portella na realização da obra *Movimientos Detenidos*, a partir da utilização das ferramentas do vídeo, da fotografia, das colagens e das tecnologias computacionais. Apresenta também sua vinculação à arte urbana, traçando paralelos com outros artistas realizadores de interferências artísticas nas cidades e à arte da Performance,

**PALAVRAS-CHAVE:** vídeo; corpo performático; arte urbana

## **ABSTRACT**

This article analyses the path of the visual artist Celina Portella in the realization of the work *Movimientos Detenidos*, based on the use of the

tools of vídeo, photography, collages and computational Technologies. It also presents its link to urban art, drawing parallels with other artists Who make artistic interventions in cities and the art of Performance.

**KEYWORDS:** video; performance body; urban art

## INTRODUÇÃO

Durante meus estudos para obtenção do grau de mestre no curso de mestrado profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais da Fundação Getúlio Vargas (2017/19), investiguei a interação e a interatividade, a partir de um olhar sobre as performances digitais. Minha pesquisa recaia nas novas relações criadas pelas experimentações dos artistas performáticos, não só relativas à criação da obra em si, envolvendo uma série de não artistas, como técnicos em computação, engenheiros, mecânicos, como também em relação a seu público, ao utilizarem a tecnologia digital como suporte e documento de sua arte.

Estamos falando de uma assistência que não se encontra necessariamente nos tradicionais espaços legítimos da arte tais como museus, exposições e galerias físicas, e nem mesmo mantém com o artista as mesmas dimensões temporais, alterando sobremaneira, a experiência artística.

Portanto, também podemos voltar nosso olhar para a relação que se dá, na verdade, entre o artista e a máquina – entendida aqui como suporte técnico à arte digital, não sem antes perceber, como nos diz Lucia Santaella, que “técnicas para se produzir arte, sempre houve. A técnica se define como um saber fazer, referindo-se a habilidades, a uma bateria de procedimentos que se criam, se aprendem, se desenvolvem” (SANTAELLA, 2003, p. 152). Essa relação entre o espectador, o artista e sua obra, modificaram-se sobremaneira com a mediação da tecnologia digital e essa relação continua sendo alterada na medida em que emergem novas possibilidades de criação de programas de computação, e com o surgimento de significativos avanços tecnológicos disponíveis para quase todos.

O receptor não é passivo às mudanças ocorridas nessa nova relação. John Dewey já enfatizava a participação do receptor na obra de arte desde sempre, mesmo antes do advento da tecnologia dos algoritmos, ao dizer que “o ato da recepção é também um ato de criação por envolver experiências e relações comparáveis, num sentido amplo, àquelas experimentadas pelo artista” (DEWEY, apud DUARTE, 2017, p. 163).

No mesmo sentido, interação sempre foi uma palavra-chave quando falamos sobre a arte da Performance. Mas ao submeter-se às plataformas digitais, a Performance tem na interatividade uma condição fundamental para entendermos esse novo espectador. O professor Marco Silva Belloni (2008) nos alerta para essa distinção entre interação, quando falamos de relações entre humanos e interatividade, quando essas relações se dão através de homens e máquinas. Como diz Diana Domingues, “um espectador mais participativo que através de interfaces tem acesso à obra proposta” (DOMINGUES, 1997, p. 17). Acesso, eu diria, ao tecido da obra gerando inúmeras possibilidades de interferência na mesma. Não mais a contemplação da obra de arte mas uma contemplação substituída por uma relação, por que não dizer, autoral, onde um público contemplativo da arte é substituído por um espectador ativo capaz de interferir no trabalho do artista.

A obra performática “Movimientos Detenidos” (2008, Valparaíso, Chile), da artista visual carioca Celina Portella foi a grande motivação desse estudo por dialogar com diversas plataformas e consequentemente com diversos tipos de público – da rua, da galeria, das telas de computadores, tablets e celulares. A artista interage com a cidade correndo por suas ruas, pendurando-se em paredes, escadas e muros, onde deixa sua imagem impressa. Nesta obra Celina conversa com a Vídeo Arte, a Fotografia e o Grafismo, promovendo, através de uma ação efêmera, uma interferência na paisagem urbana. Para a realização de “Movimientos Detenidos”, Celina Portella precisou de uma equipe para fotografa-la, produzir essas fotos em adesivos, ir ao local exato para realizar a colagem, filma-la e promover a edição do vídeo para o efeito desejado. Aqui, leva-se ao pé da letra o que diz André Parente em entrevista à TV Brasil<sup>2</sup>: “vídeo é cinema”, na medida em que ao assistirmos ao vídeo da obra concluída, nos deparamos com letreiros finais como formalmente veríamos em um filme de curta metragem. A obra é editada, planejada, pensada como cinema. Um cinema expandido conforme Gene Youngblood (1970) ou explodido, seguindo conceituação de Arlindo Machado, que observa que “nesse sentido expandido de arte em movimento, televisão e vídeo também passam a ser cinema, assim como o multimídia” (MACHADO, 2007, p.66)

A artista possui outras obras performáticas em plataforma digital, como por exemplo, “Movimento2” (2010; São Paulo, Brasil), obra composta de 5 vídeos onde mecanismos movem os monitores em sincro-

nia com as imagens. Na concepção da própria Celina “a imagem do corpo aparece contida no quadro da tela, se relacionando com seus limites, como se fossem limites reais do espaço em que se insere”<sup>3</sup>. Mais do que isso, essa imagem da artista “presa” dentro da tela, se relaciona com o público. Empurrando para o lado ou puxando para cima e para baixo; enorme, quase não dando dentro da moldura ou pequena, percebendo seu limite, a artista é como se fosse uma Alice, do conto de Lewis Carroll, presa na torre de pixels. O público observa aquele ser que está vivo ali, dentro daquele monitor, o que quebra a percepção da existência de uma quarta parede, um outro espaço, independente daquele onde o público está. Parece que a qualquer momento aquela imagem vai falar conosco, o que cria relações surpreendentes. Em 2014, Celina realizou uma série composta de três Performances que intitulou “Deságua”. Numa delas, a artista, no fundo de uma piscina, trajando longo vestido preto, sorve um líquido de uma taça. Uma Performance onde está presente o inusitado que a imagem nos propõe. Como ela se mantém ali, sem flutuar? Como consegue “beber” dentro d’água? Mais um jogo que a artista arma e nos prende à tela. A obra nos leva a pensar no caráter experimental inerente à arte da Performance, cuja proposta traz sempre um questionamento sobre o que é natural.

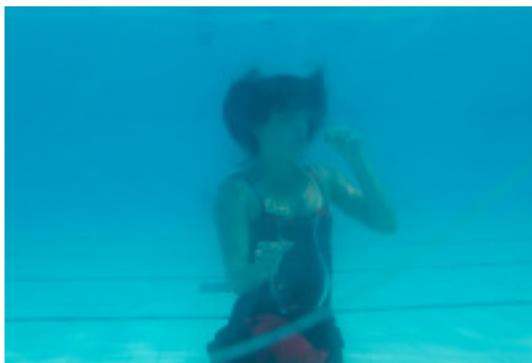


Figura 1: Deságua

Fonte: [www.youtube.com/user/CelinaPortella](http://www.youtube.com/user/CelinaPortella)

Celina Portella é uma artista que faz parte do circuito de artes internacional. Não apenas trabalha com vídeos, com Performances filmadas, mas também com Fotografia. No entanto, seu trabalho possui uma identidade artística marcante e autêntica, sempre proporcionan-

do profundas reflexões sobre o corpo e suas relações com o espaço. Na rua, nas galerias e na multiplicidade de telas, encontramos seus trabalhos.

## **MOVIMIENTOS DETENIDOS – UMA OBRA MÚLTIPLA**

Entre abril e maio de 2008, Celina Portella realizou, junto a outros artistas selecionados, uma residência no conceituado Centro de Residência de Artistas Contemporâneos – CRAC, em Valparaíso, no Chile. Esta instituição de arte e pesquisa, criada em 1989, propõe “um entrelaçamento crítico com a produção de subjetividade na esfera pública, a cidade e o território como rede de conexões e associações de experiências sensoriais”<sup>4</sup>.

Movimientos Detenidos nos é apresentado em vídeo e nos mostra, mais uma vez, a própria Celina usando seu corpo para movimentar-se performaticamente pela cidade. A obra divide-se em 3 partes e integra a série intitulada “Colgados”, o que numa tradução literal, significa “suspensos, pendurados”<sup>5</sup>. Na primeira parte, a artista aparece correndo pelas laterais da Iglesia de la Matriz, até pendurar-se numa de suas paredes, deixar sua imagem impressa e sair. Na segunda, vemos Celina descendo alguns degraus da Escalera Serrano, até deitar-se no corrimão de pedra, deixar ali a sua imagem e sair. E por fim, na Calle Serrano, a artista arrisca-se mais, ao filmar-se caminhando normalmente pela rua, indo e vindo sob o frio local, até pendurar-se num muro e imprimir-se ali. Depois, atravessa a rua e acessa outro muro, onde fixa sua imagem e vai embora por um beco ao lado. Sobem, então, os créditos do vídeo.

Percebemos então que a artista precisou de 3 pessoas para operar as câmeras, vimos que ela e mais um residente, efetuaram a colagem dos affiches e que ela, finalmente sozinha, realizou a edição final das imagens, onde naturalmente, pode conceituar e imprimir sua autoria na obra. Ficamos sabendo também que o trabalho foi realizado entre abril e maio de 2008, embora levemos menos de dois minutos para assisti-lo.

Vários artistas performáticos defendem a utilização do vídeo em suas obras, pelas diversas possibilidades artísticas que adquirem e, como nos diz a artista pernambucana Waléria Américo “pela ideia de temporalidade que o vídeo vai abarcar”<sup>6</sup>. Nesse mesmo sentido, o videoartista e performer Armando Queiroz, compara o cinema e o vídeo

e, em defesa deste último, diz que “o cinema precisa de uma grande equipe, o que acaba interferindo na criação da obra. Por isso prefiro o vídeo. Sou só eu e o diretor de fotografia”<sup>7</sup>. O curador de arte cinematográfica e midiática John Hanhardt, um entusiasta da videoarte e, de certa forma, responsável pela mesma ter chegado aos tradicionais espaços dos museus e galerias de Nova York, comenta:

A prevalência da imagem em movimento como meio de comunicação de um artista no mundo da arte atual vem de longa data, começando com o desenvolvimento do filme cinematográfico, no final do século XIX, e continuando em meados do século XX, com o crescimento do meio eletrônico do vídeo. Hoje, as artes midiáticas, através da internet e de múltiplas plataformas digitais, estão influenciando a criação e a distribuição de imagens em movimento. (HANHARDT, 2018, p.9)

Meu primeiro contato com a obra de Celina deu-se através do programa “Tec.Art”, exibido no canal ARTE 1, em junho de 2017, dentro de um episódio dedicado à Performance. Interessada, procurei na internet saber um pouco mais a respeito e, para minha surpresa, descobri que o que era novidade para mim estava, desde 2008, ou seja, há 9 anos, disponibilizado em rede. A efemeridade daquela Performance estava ali, documentada e atemporal, disponível para ser vista quantas vezes fosse solicitada.

Tela de TV, tela de computador e precedendo ao meu olhar, tela de edição de vídeo. Durante esta pesquisa também muitas vezes acessei o canal de Celina no Youtube, na tela do smartphone. Arlindo Machado, a quem mais uma vez recorreremos, nos fala sobre o que chama de “nova gramática” do audiovisual e faz a seguinte análise da relação estabelecida entre telas e receptores:

A tela (do monitor, do aparelho de televisão) torna-se agora um espaço topográfico onde os diversos elementos imagéticos (e também verbais, sonoros) vêm inscrever-se, tal como já se pode hoje vislumbrar em ambientes computacionais multitarefas. Do espaço isotópico da figuração clássica, baseado na continuidade e na homogeneidade dos elementos representados, passamos agora ao espaço politópico, em que os elementos constitutivos do quadro migram de diferentes contextos espaciais e temporais e se encaixam, se encavalam, se sobrepõem uns sobre os outros em configurações híbridas. E uma vez que agora os novos processos imagéticos despejam seu fluxo de imagens e sons de forma simultânea, isso exige, da parte do receptor, re-

flexos rápidos para captar todas (ou parte delas) as conexões formuladas, numa velocidade que pode mesmo parecer estonteante a um “leitor” mais conservador, não familiarizado com as formas expressivas da contemporaneidade. (MACHADO, 2007, p.76)

Durante sua residência em Valparaíso, Celina realizou uma série de intervenções visuais onde propunha-se a olhar as condições da construção da cidade e as relações “que se cruzam com a oficialidade e expõem outras formas de referir-se ao legado e a memória desta cidade”.<sup>8</sup>

Dessa forma, a série “Colgados”, onde o vídeo “Movimientos Detenidos” se insere, consistia em fotografias coladas de pessoas penduradas em paredes diversas de Valparaíso que eram escolhidas pela artista levando em conta não só determinadas características, em locais com um fluxo regular de transeuntes e que oferecessem uma condição estrutural para a interferência ser realizada de forma segura.

Cada uma dessas interferências traz em si uma narratividade própria. Ao assistirmos Celina correndo pela cidade e imprimindo nela sua imagem, percebemos na artista, a mesma preocupação com a representatividade de seu corpo naquele espaço e naquele determinado tempo. Ao optar pela filmagem e edição dessas imagens, Celina traz sua Performance para o cinema, tendo o vídeo como plataforma. E ao disponibilizá-lo na internet, a artista nos permite uma relação que descola a obra daquela determinada cidade e nos joga dentro de sua narrativa pessoal numa construção poética cuja dimensão semântica é entendida e editada por cada um de nós. As imagens produzirão imaginários individuais.



Figura 2:- Celina Portella em “Movimientos Detenidos”  
Fonte: <https://cracvalparaiso.org>

Celina Portella pratica, aqui, sua poética tecnológica, eletrônica. Demonstra, neste trabalho, que a era digital soma, mas não elimina a mídia não digital. Para o resultado em vídeo com acesso via internet, a obra foi criada primeiramente como uma reflexão da artista, sua capacidade criativa, sua disponibilidade artesanal ao lidar com tesouras, colas e tintas em harmonia com a profusão de câmeras, telas, teclados e botões.

No entanto, não podemos deixar de perceber que o enfrentamento do corpo de Celina exposto nas ruas e sua objetivação, acaba por ter sua potência alterada por não se tratar mais de uma presença imediata, como nas Performances realizadas ao vivo e sim de uma imagem pensada para outra linguagem – a do vídeo.

O corpo performático de Celina torna-se informação em dígitos, códigos binários, algoritmos. Ao utilizar a tecnologia digital, há, como nos diz Paulo Bernardino “um ponto de mudança na posição do sujeito face à produção criativa pois interfere nos processos artísticos quanto a novas formulações a respeito do posicionamento do observador e do autor”. (BERNARDINO, 2009, p.22).



Figuras 3, 4 e 5: Celina prepara e cola sua foto numa parede  
Fonte: <https://www.cracvalparaiso.org>

Apesar disso, antes de ser um corpo mediado, ao interferir na cidade vemos o corpo real, a presença imediata, física, de Celina em relação direta com sua assistência ocasional. E a transformação desse corpo individual num corpo social, urbano – condição essa inerente a toda Performance que se realiza na rua e que se vincula ao campo da Intervenção Urbana, como analisaremos em seguida.

## INTERVENÇÃO URBANA

Apesar de não revelar suas referências e preferir vincular seu trabalho “ao que vê pela rua”<sup>9</sup>, Celina, que como já vimos, sempre utiliza seu corpo e suas relações com o espaço em suas obras, evidentemente, as possui. Nessa obra em particular – “Movimientos Detenidos”, a artis-

ta aparece interferindo na paisagem da cidade de Valparaíso, no Chile (2008), chamando a atenção por sua vinculação com a chamada Arte Urbana,<sup>10</sup> uma vez que a colagem da imagem de seu corpo, incorpora-se à paisagem, ficando fixada aos muros, paredes e escadas da cidade.

O performer e artista visual Ronald Duarte define a intervenção urbana como “ações efêmeras no espaço urbano; algo entre a fúria e a festa”<sup>11</sup>. Na verdade, a arte que interfere no urbano é um verdadeiro encontro entre vida e arte. Ocorrendo necessariamente fora dos espaços consagrados, interage com o cidadão comum, o transeunte, muitas vezes surpreendido pela manifestação artística nas vias onde circula, sem ter se dirigido ao encontro dela.

Usados como suporte para manifestações políticas, estéticas e provocativas de um diálogo que acontece sem tempo nem hora marcada, entre obra e público, as paredes muros, tapumes e viadutos das cidades refletem a expressão direta de artistas que interferem no urbano mantendo a cidade viva e a arte transgressora. É esse caráter transgressor que faz com que o anonimato faça parte dessa cultura que, por isso mesmo, é tantas vezes reprimida. Dependendo do local e das circunstâncias, pode ser considerado crime aplicar tinta sobre uma superfície urbana sem autorização, colar cartazes, pichar, escrever poemas, performar.

O Centro de Residência de Artistas Contemporâneos de Valparaíso, onde Celina fazia residência quando criou Movimientos Detenidos, propõe a seus artistas que suas obras possam problematizar a representatividade daquela cidade, ou seja, o diálogo da arte contemporânea com as ruas, com a morfologia da cidade. Dessa forma, Celina parte de sua inspiração, sempre performática no sentido de fazer seu corpo sujeito e objeto, mas também considera a forma com a qual atuará no retrato da cidade deixando sua marca pessoal.

Várias questões se apresentam ao artista de rua. Onde estaria o limite? Até onde se pode infringir as leis urbanas e patrimoniais? Por outro lado, pelo seu caráter transgressor, essa arte levanta questões culturais acerca da cidade e trazem nova leitura a esta paisagem. A curiosidade, esse motor gerador de conhecimento, atrai os olhares que se vêem frente a fenômenos que precisam ser processados e de forma rápida, posto a efemeridade do evento.

Espaços não destinados à exposição artística, como o caso das vias públicas, muros, paredes, escadas da cidade, são geridos por institui-

ções públicas e sua tolerância com a arte de rua costuma ser nula, posto que ao invés de ser vista com bons olhos pelas autoridades, essa arte é considerada muitas vezes vandalismo.

Em seu projeto “Colgados”, Celina Portella surpreendeu os transeuntes de Valparaíso, interferindo em sua paisagem cotidiana. No entanto, a própria Celina, mesmo com o aval de renomada instituição cultural, segundo depoimento do galerista Thiago Barros,<sup>12</sup> foi incomodada pela polícia, mais de uma vez, e teve algumas de suas colagens retiradas quase que em seguida, por estarem “sujando” os muros.



Figura 6: Colgados

Fonte: <https://www.cracvalparaiso.org>

Porém, existe uma linha tênue entre marginalidade e arte de rua. Se os trabalhos de Celina e seus companheiros de residência artística provocaram uma transformação, mesmo que transitória, na identidade da cidade, a arte cumpriu sua função de interação através de uma exposição acessível a toda coletividade. E uma vez documentada, a um público planetário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As razões pelas quais os seres humanos são levados a produzir arte já foram analisadas em consonância com diversos aspectos: políticos, religiosos, sociais, comunicativos, psicológicos e até mesmo sob o ponto de vista mercadológico. Fato é que grande quantidade de artistas fala de uma inquietação interior, uma necessidade premente de comunicar uma ideia ao outro, ou mesmo de uma relação direta entre a arte e a vida.

Em constante atividade, seja montando uma exposição numa galeria ou museu, seja fazendo alguma residência internacional ou ministrando algum workshop ou oficina, Celina Portella, por conta de toda essa movimentação e provavelmente por uma série de outros fatores inerentes à carreira artística, não tem concedido muitas entrevistas ao longo de uma década inserida no mercado das artes visuais.

Mesmo assim, usando as tecnologias digitais, pudemos recolher suas declarações, não só em seu próprio site como em páginas de galerias de arte (Galeria Inox, principalmente) da Caixa Cultural, do Itaú Cultural, da Rádio Internacional Francesa, de postagens no Youtube e no Instagram, para citar algumas. Em sua fala de artista, Celina sempre enfatizou o aspecto processual da arte. Para ela, é sempre “uma coisa, que leva a outra, que leva a outra”<sup>13</sup>. Dessa forma, percebemos que para a artista, é muito mais importante que tenhamos uma percepção de sua obra como um todo, do que concentrarmos nossa atenção numa só produção. Além disso, a artista nos revela o caráter multidisciplinar de sua arte, o que, segundo Randall Packer (2005) é uma das quatro características da arte multimídia. Ao participar da já citada neste artigo, residência no LABMIS (2010, Museu da Imagem e do Som – SP), Celina tinha uma ideia. Mas, segundo a própria artista, foi através do contato com técnicos, inclusive de automação, que sua percepção inicial pode se desenvolver de uma forma, que a própria artista não imaginava que pudesse existir.

Celina Portella começou a expressar-se artisticamente através da dança e só depois, através de estudos, ingressou nas artes plásticas. Essas duas modalidades da arte, sem dúvida, estão presentes em sua obra, cuja expressão sempre aborda o corpo, sua imagem e a preocupação “em como conectar o espaço visual com o espaço real”<sup>14</sup>. Utilizando como formato final o vídeo ou a fotografia, Celina sempre dialoga com suas referências chegando a resultados inusitados.

A própria artista, em entrevista a repórter Kinha Costa, da Rádio França Internacional (2018), define sua obra “no terreno ambíguo entre o material e o imaterial, entre a objetividade do mundo e a ilusão”<sup>15</sup>. Essa ilusão se conjuga com a apurada pesquisa conceitual e estética, que Celina vem desenvolvendo durante toda sua carreira nas artes visuais.

Com o intuito de colaborar com esta pesquisa, Celina enviou através de aplicativo para smartphones, sua mais recente entrevista concedi-

da ao programa “Fique Ligado” da TV Brasil<sup>16</sup> onde pude ter contato com vários pensamentos da artista sobre o próprio trabalho. A entrevista gira em torno de sua exposição “Reunião” na Caixa Cultural, em São Paulo (2019), que apresentou uma retrospectiva dos dez anos de sua atividade artística. Durante a entrevista, discorrendo sobre sua obra, notamos a preocupação da artista em romper as limitações das imagens e dos suportes, o que acaba gerando uma nova linguagem. Dessa forma, como nos explica a artista, o que é moldura vira escultura – como na série “Dobras”, composta de fotografias de partes do corpo de Celina, que são dobradas e colocadas em molduras que são igualmente dobradas e colocadas em pedestais ou penduradas nas quinas das paredes.

Ou a fotografia que passa a ter o efeito de vídeo, como na obra “Não”, onde vemos a imagem de uma mão, com um dedo em riste que se mexe, através de um mecanismo, simulando o gesto negativo. Uma imagem, que convencionalmente estaria parada, e que na visão da artista, ganha movimento. O estudo da imagem em movimento foi tema de relevantes estudos principalmente vinculados ao cinema. A pesquisadora Tatiana Giovannone Travisani em artigo sobre a imagem em movimento na arte, diz:

As obras de Sergei Eisenstein e Dziga Vertov, cineastas russos, são usadas com frequência para compreender a imagem-movimento do cinema. Mas importa perguntar como os artistas contemporâneos estão trabalhando o movimento no universo das imagens digitais: o que vem sendo criado e experimentado e quais recursos tecnológicos estão revolucionando os processos criativos. (TRAVISANI, 2010, p.03)

Ao observar o trabalho de Celina, podemos dizer que a artista utiliza a tecnologia como um estímulo à sua criatividade. Ela própria reconhece que são as limitações que a inspiram e a levam a ter ideias que ela acaba realizando com o auxílio das máquinas. Nesse campo das ideias, Celina se inspira também no que vê na rua. Ela diz: “porque no dia a dia você vê coisas incríveis, na verdade você vê trabalhos prontos na rua”<sup>17</sup>

A artista cria as imagens atenta a escrita do corpo em sua interação com o espaço, um fundamento herdado da dança, e essas imagens ‘se abrem para vários sentidos dependendo do olhar de cada pessoa que interage com a obra’<sup>18</sup>. Em postagem em sua conta na rede social Instagram, em 06 de fevereiro de 2019, comentando sobre sua obra “Puxa”, ela diz: “Tudo vai muito além do que vemos. Cada um carrega

sua percepção do real. Que tal duvidar da imagem que você cria pra você mesmo, de você mesmo?”

No mesmo período em que Celina Portella apresentava em São Paulo sua retrospectiva, bem perto dali, no Centro Cultural Fiesp, o artista cearense Leonilson (1957-1993) era homenageado na exposição “Leonilson: Arquivo e memórias vivos”, onde 17, dos 125 trabalhos expostos, eram feitos com panos e bordados, o que não poderia ser mais artesanal.

Na verdade, o uso de linhas, agulhas e tecidos, em contraponto a monitores, luzes e óculos 3D, tem servido não só as artes plásticas como também aos atos performáticos, como numa volta a técnicas antigas e consagradas e que haviam caído em desuso. O curador Ricardo Resende esclarece que “o movimento atual vem, em parte, de uma necessidade de obras que tenham materialidade, com a marca da mão do artista, depois de um deslumbramento com a tecnologia digital”<sup>19</sup>

Como já observamos neste artigo, a era digital soma e não elimina a mídia não digital. De um lado, temos à disposição tecnologias cada vez mais sofisticadas. Mas por outro, ainda buscamos entender a essência do que é humano e o que o torna complexo, e talvez, harmônico.

## REFERÊNCIAS

BELLONI, Marco Silva. **A interação e a interatividade**. Disponível em [www.educacaoliteratura.com/index%2065.htm](http://www.educacaoliteratura.com/index%2065.htm) acesso em 12/09/2018

BERNARDINO, Paulo. **Arte e Tecnologia: intersecções**. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/3074/3763> acesso em 15/07/2018

DOMINGUES, Diana. **Criação e Interatividade na Ciberarte**. São Paulo: Experimento, 2005

DUARTE, Miguel Mesquita. **A Arte como Experiência** (Resenha de DEWEY, John. *Art as Experience*. New York: A Perigee Book, 1980) – Crítico, Palhoça, SC, v 12, n 1, p 161-169, jan/jun 2017

HANHARDT G., John. Bill Viola. Kira Perov (org). São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2018

MACHADO, Arlindo. **Arte e Mídia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

PACKER, Randall. O que é Multimídia de uma vez por todas in **O chip e o caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias/** Lucia Leão (org). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.

TRAVISSANI, G. Tatiana. **Imagem em movimento na arte: o digital como processo criativo.** Disponível em <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/3867/2531> acesso em 05/05/2019.

## NOTAS

<sup>1</sup> Licenciada em História (UFF); Especialista em Gestão da Cultura (UNESA); Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais ( FGV)

<sup>2</sup> Disponível em <https://www.tvbrasil.ebc.com.br/brasilvisual/episodio/formas-hibridas-da-videoarte> acesso em 02/02/2019

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/user/CelinaPortella> acesso em 15/10/2017

<sup>4</sup> Disponível em <https://cracvalparaiso.org/conferencia-sobre-intervencion-en-el-espacio-publico> acesso em 28/01/2019

<sup>5</sup> Traduzido em <https://www.dicionarioinformal.com.br/colgados/> acesso em 01/03/2019

<sup>6</sup> Disponível em <https://www.tvbrasil.ebc.com.br/brasilvisual/episodio/formas-hibridas-da-videoarte> acesso em 06/02/2019

<sup>7</sup> Disponível em <https://www.tvbrasil.ebc.com.br/brasilvisual/episodio/performance> acesso em 06/02/2019

<sup>8</sup> Disponível em <https://cracvalparaiso.org> acesso em 29/01/2019. Tradução da autora.

<sup>9</sup> Em entrevista à Michele Lemes; disponível em <https://www.youtube.com/user/CelinaPortella> acesso em 15/10/2017.

<sup>10</sup> Arte urbana , do inglês street art designa uma arte encontrada nos meios urbanos, seja por meio de intervenções, performances artísticas, grafites, dentre outros. Disponível em [www.todamateria.com.br/artes](http://www.todamateria.com.br/artes) acesso em 28/07/2018

<sup>11</sup> Disponível em <https://www.tvbrasil.ebc.com.br/brasilvisual/episodio/intervencao-urbana> acesso em 06/02/2019

<sup>12</sup> Depoimento dado a mim, informalmente, quando cursamos a disciplina "Processos Artísticos Contemporâneos (UERJ) no segundo semestre de 2018.

<sup>13</sup> Disponível em [www.premiopipa.com/2013/08/celina-portella-assista-a-entrevista](http://www.premiopipa.com/2013/08/celina-portella-assista-a-entrevista) acesso em 12/04/2019

<sup>14</sup> Disponível em <https://br.rfi.fr/afrika/2018-04-15-brasil-afrika-celina-portella> acesso em 15/04/2019

<sup>15</sup> Disponível em <https://br.rfi.fr/afrika/2018-04-15-brasil-afrika-celina-portella> acesso em 15/04/2019

<sup>16</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=30knjZNYves> acesso em 30/04/2019

<sup>17</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=30knjZNYves> acesso em 30/04/2019

<sup>18</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=30knjZNYves> acesso em 30/04/2019

<sup>19</sup> Disponível em [www.segundocaderno@oglobo.com.br](http://www.segundocaderno@oglobo.com.br) edição de 19/02/2019